

Como Paul Krugman pôde errar tanto?¹

John H. Cochrane²

Muitos amigos e colegas têm me perguntado sobre o que eu acho do artigo de Paul Krugman publicado no New York Times Magazine, intitulado “Como os economistas puderam errar tanto?”.

Acima de tudo, isto é triste. Imagine por um momento que isso não dissesse respeito à Economia. Imagine que se tratasse de um respeitado cientista que se tornou um escritor popular, que diz, basicamente, que tudo que todos andaram fazendo na sua especialidade desde meados dos anos 1960 é uma completa perda de tempo. Tudo que é publicado nos jornais acadêmicos, ensinado nos programas de PhD, apresentado em conferências, sumarizados em livros, textos para a graduação, e tudo que é agraciado com os louros que uma profissão pode oferecer, incluindo múltiplos prêmios Nobel, está totalmente errado. Em vez disso, ele chama para um retorno para as verdades eternas de um livro um tanto complicado escrito nos anos 1930, como ensinado a nosso autor no seu curso de introdução na graduação. Se ele fosse um cientista, ele poderia ser um céptico em relação ao aquecimento global, um incrédulo da AIDS-HIV, um criacionista,³ um crente de que os continentes não se movem afinal de contas.

E isso fica ainda pior. Krugman sugere uma conspiração do mal, alegando que “dissidentes são marginalizados”. Boa parte do artigo é apenas ataque pessoal calunioso em uma lista sempre crescente de inimigos, que agora inclui os “novos keynesianos” como Olivier Blanchard e Greg Mankiw. Em vez de usar como fontes textos profissionais, ele engana com citações fora de contexto de textos de entrevistas. Ele inventa coisas, coloca palavras na boca das pessoas que são contrárias a seus escritos. Mesmo isso não é bastante: ele acrescenta caricaturas para

¹ Tradução livre: Lucilene Morandi.

² AQR Capital Management Professor of Finance. Booth School of Business - University of Chicago. 5807 South Woodlawn Avenue – Chicago, IL 60637. E-mail: john.cochrane@chicagobooth.edu.

³ O criacionismo se opõe ao evolucionismo e recusa a teoria da evolução de Darwin (N.T.).

fazer seus “inimigos” parecerem ridículos, e os coloca em situações falsas e embaraçosas. Ele nos acusa de adotar ideias pagas, nos vendendo por “anos sabáticos no Instituto Hoover” e gordos “contracheques de Wall Street”. Isto parece um tanto paranoico.

Isto é irritante para as vítimas, mas somos moças e rapazes crescidos. Isto é um desserviço aos leitores do *New York Times*. Eles dependem de Krugman para terem acesso à literatura verdadeiramente acadêmica e conseguir digeri-la e, ao invés disso, recebem esse crítica agressiva. E isso é ineficaz. Qualquer leitor astuto sabe que ataques pessoais e insinuações significam que o autor está sem ideias.

Esta é a maior e mais triste notícia: Paul Krugman não tem interesse em qualquer ideia sobre o que causou nossos problemas econômicos e financeiros atuais, que políticas podem prevenir tais crises, ou o que pode nos ajudar no futuro, e ele não tem qualquer contato com as pessoas que sabem. “Irrracionalidade” e indicação para se gastar como um marinheiro bêbado são propostas bem superficiais comparadas a todas as coisas fascinantes que os economistas têm escrito recentemente.

Que triste.

Isto é o que penso, mas eu não espero que você leitor seja convencido por minha opinião ou por minha alusão a um consenso na profissão. Talvez ele esteja certo. Às vezes, as ciências, especialmente as ciências sociais, tomam o rumo errado por uma ou duas décadas. Eu pensei que a teoria econômica keynesiana fosse esse tipo de erro. Então vamos dar uma olhada rápida em tais ideias.

O ataque de Krugman tem dois objetivos. Primeiro, ele pensa que os mercados financeiros são “ineficientes”, fundamentalmente por causa da “irracionalidade” dos investidores, e assim sujeito a excessiva volatilidade, o que requer controle do governo. Segundo, ele aprecia o imenso “estímulo fiscal” decorrente dos déficits de muitos trilhões de dólares.

É engraçado dizer que nós não vimos a crise se aproximar, mas a predição empírica principal das hipóteses de mercados eficientes é precisamente que ninguém pode dizer para onde os mercados estão indo – nem benévolo governos burocráticos, nem astutos gerentes de fundos de *hedge*, nem ricas academias. Esta é provavelmente a proposição melhor testada em todas as ciências sociais. Krugman sabe disso, então tudo o

que ele pode fazer é bufar acerca de seu desgosto com uma teoria cuja predição central é que ninguém pode anunciar profecias confiáveis. E, claro, não faz nenhum sentido tentar desacreditar mercados financeiros eficientes porque seus adeptos não conseguiram prever a crise.

Krugman escreve como se a volatilidade dos preços das ações sozinha desaprovasse a eficiência dos mercados, e que os que a defendem tivessem ignorado isso todos esses anos. Isto é uma mentira e Paul sabe disso para querer passar adiante, não importa quanto seja conveniente retoricamente (eu posso deixar passar sua confusão com os modelos CAPM e Black-Scholes, mas isso não). Não existe nada sobre “eficiência” que prometa “estabilidade”. Crescimento “estável” seria na verdade uma violação ainda maior da eficiência. Mercados eficientes não precisaram esperar pela “memória de 1929 ... apagando-se gradualmente”, nem nós deixamos de ler os jornais em 1987. Dados da grande depressão têm sido incluídos em praticamente todos os testes. De fato, o grande “equity premium puzzle”⁴ mostra que se eficientes, os mercados de ativos não parecem arriscados o bastante para impedir que mais e mais pessoas invistam neles! Como Gene Fama destacou em 1970, estas são explicações empiricamente equivalentes. A menos que você queira elaborar sua teoria a ponto de ser capaz de descrever quantitativamente *quanto* e *quando* os prêmios de risco, ou as ondas de “otimismo” e “pessimismo” podem variar, você não sabe nada. Nenhuma teoria é particularmente boa nisso no momento.

Gritar “bolhas” não faz sentido a não ser que você tenha uma maneira operacional para identificar bolhas, distingui-las de prêmios de baixo risco decididos racionalmente, e não simplesmente ficar gritando anunciado por anos a fio. Krugman elogia corretamente Robert Shiller por seus avisos durante alguns anos que os preços dos imóveis deveriam cair. Mas aconselhar que devemos ouvir Shiller, porque ele acertou da última vez, não é mais útil que conselhos anteriores de muitos outros para ouvir Greenspan

⁴ Termo cunhado em 1985 pelos economistas Rajnish Mehra e Edward C. Prescott, que identificaram um prêmio de risco entre ações e títulos de renda fixa do governo americano de cerca de 6%, inconsistente com um modelo de formação de preços de ativos que utilizasse uma função de utilidade com aversão relativa ao risco. Os autores concluíram que isso decorria da tentativa de reconciliar os retornos muito altos dos mercados de ativos em comparação aos retornos oferecidos pelas obrigações do governo dos EUA. (N.T.).

porque ele acertou muitas vezes. Seguindo o último oráculo místico até que ele erre e então jogando-o aos lobos, não é uma boa estratégia de longo prazo para identificar bolhas. Krugman defende Shiller porque ele apregeia ideias comportamentais, mas isso também não ajuda. Pessoas que se autodenominam comportamentais têm opiniões tão diversas e díspares quanto as que não se autodenominam assim. Os mercados são irracionalmente exuberantes ou irracionalmente depressivos? É difícil de dizer.

Esta dificuldade não é surpresa. Esta é a predição central da teoria econômica de mercados livres, como cristalizado por Hayek, que nenhum acadêmico, burocrata ou regulador conseguirá jamais explicar os movimentos de preço dos mercados. Ninguém sabe qual é o valor “fundamental”. Se alguém pudesse dizer qual deveria ser o preço do tomate, com exceção das ações da Microsoft, o comunismo teria dado certo.

Mais profundamente, o trabalho de economista não é para “explicar” as flutuações de mercado depois do fato ocorrido, contando uma bela estória no noticiário da noite sobre porque os mercados subiram ou desceram. Os mercados subiram? “Uma onda de sentimento positivo”. Os mercados caíram? “Pessimismo irracional”. (“O prêmio de risco deve ter aumentado” é tão vazio quanto). Nossos ancestrais poderiam fazer isso. Realmente, é uma evolução em relação a “Zeus teve uma briga com Apolo”? Bons economistas sérios sabem disso, e eles estão circunscritos à suas alegações de motivo.

Mas esse argumento leva-nos para longe do nosso ponto principal. A questão dos mercados livres nunca foi que mercados são perfeitos. A questão dos mercados livres é que o controle governamental dos mercados, especialmente dos mercados de títulos, sempre foi muito prejudicial.

Krugman no início argumenta que o governo deveria intervir maciçamente nos mercados financeiros e tomar as rédeas da alocação de capital. Ele não pode sair dizendo isso, mas ele diz que “Keynes considerava uma péssima ideia deixar tais mercados... ditarem decisões importantes de negócios” e que “economistas financeiros acreditavam que poderíamos colocar o desenvolvimento do capital da nação nas mãos do que Keynes chamava de ‘cassino’”. Bem, se os mercados não podem ser confiáveis para alocar capital, nós não temos que conectar muitos pontos para descobrir o que Paul tem em mente.

Para chegar a essa conclusão, você precisa de evidências, experiência, ou alguma esperança realística que a alternativa estará certa. Lembre que o SEC não pode nem mesmo encontrar Bernie Madoff até que ele lhes fosse entregue numa bandeja de prata.⁵ Pense no belo trabalho que Fannie, Freddie, e o Congresso fizeram no mercado de hipotecas.⁶ É esse sistema que irá regular o Citigroup, guiar os mercados financeiros para os preços corretos, substituir o mercado de ações, e dizer à nossa sociedade que novos produtos representam melhor decisão de investimento? Como David Wessel em *In Fed we trust* tornou perfeitamente claro, as regulações do governo falharam tão absurdamente quanto os investidores privados e os economistas em perceber a tempestade chegando. E não foi por nenhuma falta de inteligência.

De fato, a visão comportamental nos dá um novo e forte argumento *contra* regulação e controle. Reguladores são tão humanos e irracionais quanto os participantes do mercado. Se os banqueiros são, nas palavras de Krugman, “idiotas”, também o são o típico secretário do tesouro, o presidente do fed, e a equipe de reguladores. Eles agem sozinhos ou em comitês, onde vieses de comportamento são mais bem documentados que em definições de mercado. Eles ainda são facilmente capturados pelas indústrias, e enfrentam incentivos politicamente distorcidos.

Comportamentalistas cuidadosos sabem disto, e não passam imediatamente de “o mercado entendeu isso errado” para “o governo pode consertar isso”. Mesmo meus colegas mais comportamentalistas Richard Thaler e Cass Sunstein no livro “Nudge”⁷ só vão tão longe quanto um leve paternalismo libertário, sugerindo boas opções padrões na nossa conta

⁵ Bernard Madoff se tornou famoso como o operador de um esquema Ponzi que, acredita-se, tenha sido a maior fraude de investimento na história de Wall Street. SEC é o Securities and Exchange Commission enviada para investigá-lo em 2006. O SEC divulgou detalhes de entrevista com Madoff que indicam que o SEC recebeu dicas sobre o esquema de Madoff nos últimos 17 anos, mas não detectou a fraude até muito mais tarde. Ele era investigado desde 1992. Em março de 2009 ele se declarou culpado de 11 crimes. (N.T.)

⁶ Fannie ou Fannie Mae é na verdade a *Federal National Mortgage Association* e Freddy ou Freddy Mac é a *Federal Home Loan Mortgage Corporation*. Segundo alguns economistas, estes são exemplos de intervencionismo estatal no sistema financeiro para promover objetivos redistributivos e de engenharia social e que tiveram consequências desastrosas. (N.T.).

⁷ Cutucada, cotovelada.

401(k) (e mesmo aqui eles não são muito claros sobre como a *Federal Nudging Agency* vai evitar a captura pela indústria). Eles sequer pensam em saltar do mercado irracional, no qual acreditam profundamente, para o controle Federal dos preços de ações e casas e alocação de capital.

Estímulos

Acima de tudo, Krugman gosta de estímulos fiscais. Nesta questão, ele nos acusa e aos demais da profissão de economista de “confundir beleza com verdade”. Ele não é claro quanto ao que é essa “beleza” pela qual todos nós caímos de amores, e porque alguém, por uma boa razão, deveria evitá-la. A primeira ninfa da beleza é a consistência lógica simples. A economia keynesiana de Paul requer que as pessoas façam planos logicamente inconsistentes para consumir mais, investir mais, e pagar mais taxas com a mesma renda. A segunda ninfa são suposições plausíveis sobre como as pessoas agem. A economia keynesiana requer que o governo seja capaz de sistematicamente enganar as pessoas vezes seguidas. Isto supõe que as pessoas não pensam sobre o futuro quando tomam decisões hoje. Os fundamentos de consistência lógica e plausibilidade são realmente “lindos”, mas para mim eles também são precondições básicas para a “verdade”.

Em economia, os estímulos aos gastos encaixaram como o teorema da equivalência ricardiana de Robert Barro. Esse teorema diz que gastos financiados por dívida não podem ter nenhum efeito porque as pessoas, prevendo maiores impostos no futuro para poder pagar a dívida, irão simplesmente poupar mais. Eles vão comprar a nova dívida governamental e deixar todas as demais decisões de gastos inalteradas. O teorema é verdadeiro? Esta é uma conexão lógica entre um conjunto de “se” e um conjunto de “então”. Nem mesmo Paul pode contestar essas conexões.

Assim, nós temos que examinar os “se”. E esses “se” são, como de costume, obviamente não verdadeiros. Por exemplo, o teorema supõe um valor global para os impostos, e não impostos proporcionais à renda. Infelizmente, quando você leva isto em conta, todos nós ficamos mais pobres com a expansão do déficit, e muito provavelmente o multiplicador é negativo. O teorema (como a maioria da economia keynesiana) ignora

a composição do produto; mas certamente gastar dinheiro em estradas em vez de gastar em carros pode afetar o nível [do produto] global.

Economistas gastaram uma geração revirando o teorema da equivalência Ricardiana, e usando-o para avaliar os efeitos de estímulos fiscais, generalizando os “se” e descobrindo os prováveis “então”. Isto é exatamente o caminho certo para fazer as coisas. O impacto da equivalência Ricardiana não é pelo fato de que esta simples referência abstrata seja verdadeira. O impacto é que na sua esteira, se você quiser entender os efeitos dos gastos governamentais, você terá que especificar por que ela é falsa. Fazendo isso você não chega a nenhum lugar próximo da antiquada economia keynesiana. Isto leva você a considerar impostos distorcidos, o quanto as pessoas se preocupam com seus filhos, o quanto as pessoas estariam dispostas a emprestar mais para financiar o consumo de hoje e assim por diante. E quando você encontra “falhas de mercado” que podem justificar um multiplicador, análises de política ótima sugerem consertar as falhas de mercado, e não explorá-las pelo multiplicador fiscal. Muitos “Novos Keynesianos” analisam que adicionar fricções não leva a maiores multiplicadores.

Isso é como o pensamento real sobre estímulos efetivamente se desenvolve. *Ninguém nunca* “afirmou que um aumento nos gastos governamentais não pode, sob quaisquer circunstâncias, aumentar o emprego”. Isso não é sustentado por nenhuma revisão profissional séria dos trabalhos técnicos, e Krugman sabe disso (As minhas próprias [revisões] são perfeitamente claras em muitas possibilidades para uma resposta que não é zero). Mas pensar e explicar este tipo de coisa é bem mais difícil que simplesmente criticar severamente seus inimigos com citações fora de contexto, insinuações éticas, ou caricaturas bobas.

De fato, eu suponho que Krugman mesmo não acredita realmente na lógica keynesiana para estes estímulos. Eu duvido que ele seguiria essa lógica até suas conclusões inevitáveis. Os estímulos devem ter outro atrativo para ele.

Se você acredita no argumento keynesiano para estímulos, você deveria pensar que Bernie Madoff é um herói. Ele tomou dinheiro de pessoas que o estavam poupando, e o deu a outras pessoas que mais provavelmente iriam gastá-lo. Cada dólar assim transferido, no mundo

de Krugman, gera um dólar e meio adicional de renda nacional. A analogia é ainda mais realista. Madoff não apenas tomou dinheiro de seus poupadores, ele fundamentalmente tomou emprestado deles, dando-lhes em troca contas falsas, com promessas de grandes lucros futuros. Isso se parece muito com gastos governamentais.

Se você acredita no argumento keynesiano de estímulos, você não se importa sobre como o dinheiro é gasto. Toda essa publicidade sobre “infraestrutura”, monitoramento, investimento judicioso, “criação” de empregos e assim por diante é inútil. Keynes pensou que o governo deveria pagar pessoas para cavar valas e depois cobri-las.

Se você acredita nos estímulos keynesianos, você nem mesmo se importa se o dinheiro do orçamento do governo é roubado. Os ladrões têm notadamente alta propensão a consumir.

O crash

O artigo de Krugman é supostamente sobre como o crash e a recessão mudaram nosso pensamento, e o que a economia tem a dizer sobre isso. A notícia mais surpreendente em todo o artigo é que Paul Krugman não absolutamente nenhuma ideia sobre o que causou o crash, que políticas poderiam ter prevenido isto, e que políticas nós deveríamos adotar daqui para frente. Ele parece completamente ignorante da grande quantidade de trabalho de economistas que realmente sabem alguma coisa sobre o sistema bancário e financeiro, e que vêm pensando sobre isto produtivamente por uma geração.

Aqui está tudo o que ele tem a dizer: a “Irracionalidade” causou os movimentos de alta e depois de baixa nos mercados. Os “gastos” então caíram, por razões não claras, possivelmente também por “irracionalidade”. A soma total de sua recomendação de política, no fim das contas, é que o Governo Federal gaste como um marinheiro bêbado.

Paul, houve uma crise *financeira*, uma clássica quase corrida aos bancos. A peça chave de nosso crash não era o relativamente livre mercado de ações ou o mercado mobiliário, mas os altamente regulados bancos comerciais. Uma geração de economistas tem pensado muito sobre esses

tipos de eventos. Olhe para Diamond, Rajan, Gorton, Kashyap, Stein, e muitos outros. Eles têm pensado sobre por que existe tanto débito de curto prazo, por que as corridas bancárias, como os seguros de depósito e as garantias de crédito ajudam, e como eles dão incentivos para a aceitação de riscos excessivos.

Se queremos pensar sobre eventos e políticas, isto parece mais do que um pequeno detalhe. O debate central e mais acirrado nos últimos anos foi sobre como gerenciar essas crises *financeiras*. Agora é sobre como criar incentivos para bancos e outras instituições financeiras para que essa confusão não aconteça de novo. Existe bastante teoria econômica boa e sutil que os leitores do New York Times talvez gostassem de saber. O que Krugman tem a dizer? Zero.

Krugman nem mesmo tem alguma coisa para falar sobre o Fed. Ben Bernanke fez muito mais no último ano que levar a taxa de juros dos fundos para zero e depois saiu em viagem de férias e esperou pela política fiscal para fazer sua mágica. Deixando de lado a sequência de salvamentos, o Fed iniciou empréstimos de longo prazo para os agentes mobiliários. Então, ao invés de comprar títulos do tesouro em troca de reservas, ele basicamente vendeu títulos do tesouro em troca de débitos privados. Apesar da taxa dos fundos estarem próximas de zero, o Fed percebeu que os *spreads* nos mercados de títulos negociáveis e de débitos securitizados estavam muito altos, e interviu nesses mercados. Não existe mais “a” taxa de juros, o Fed está tentando controlar todas. Recentemente o Fed começou a comprar grandes quantidades de apólices suportadas por hipotecas e dívidas do tesouro de longo prazo.

Política monetária agora tem pouco a fazer com “moeda” versus “obrigações” com todos esses elementos agrupados. Política monetária tornou-se política financeira. Algum desses funciona? Quais são os perigos? O Fed pode permanecer independente nesse novo papel? Essas são as questões do nosso tempo. O que Krugman tem a dizer? Nada.

Krugman está tentando dizer que um conjunto de excêntricos óbvios ofuscou a macroeconomia com a beleza de suas matemáticas, a ponto de induzir à paralisia da política macroeconômica. Infelizmente, essa não irá colar. O fato triste é que poucos em Washington prestam a menor atenção às pesquisas da macroeconomia moderna, em particular a nada sério com

dimensão intertemporal. O keynesianismo simples de Paul tem dominado as análises de política macroeconômica há décadas e continua a fazê-lo na atualidade. Desde a CEA até o Fed e do OMB ao CBO, todo mundo apenas adiciona consumo, investimento e “demanda” governamental para projetar o produto agregado e usa curvas de Phillips simples para pensar inflação. Se falta de ideias levaram a uma política macroeconômica inadequada, na verdade é uma falha do keynesianismo simplório.

O futuro da teoria econômica

Como a teoria econômica poderia mudar? Krugman argumenta com três mudanças que são incompatíveis.

Primeiro, ele defende uma teoria econômica futura que “reconheça falhas e fricções”, e incorpore suposições alternativas sobre comportamento, especialmente com relação ao comportamento de risco. Para o qual eu digo, “Olá, Paul, onde você tem estado nos últimos 30 anos?” Macroeconomistas não gastaram 30 anos admirando as verdades eternas do texto de 1982 de Kydland e Prescott. Praticamente tudo o que temos feito nesses 30 anos é introduzir falhas, fricções e novos comportamentos, especialmente novos modelos de atitudes de risco, e comparado os resultados dos modelos, quantitativamente com os dados. A longa literatura sobre crises financeiras e bancárias, que Krugman não menciona, também tem feito exatamente o mesmo.

Segundo, Krugman argumenta que “uma visão mais ou menos keynesiana é o único jogo plausível na cidade” e que “a teoria keynesiana continua a ser a melhor estrutura teórica que temos na qual recessões e depressões fazem sentido”. Uma coisa que está bem clara agora é que, quando a teoria econômica incorpora falhas e fricções, o resultado não será para reabilitar um livro de 80 anos de idade. Como Paul lamenta, os “novos keynesianos” que fizeram exatamente o que ele pede, introduzindo rigidez de preço sob inspiração de Keynes em modelos logicamente coerentes, terminou com alguma coisa muito mais parecida com monetarismo. (Na verdade, apesar de isso ser consenso, meu próprio trabalho encontra que a teoria novo keynesiana acaba com alguma coisa

muito diferente e mais radical que o monetarismo.) Uma ciência que evolui quase nunca termina retornando ao ponto de partida. Einstein, ao revisar Newton, não nos manda de volta a Aristóteles. Na melhor das hipóteses você pode jogar o divertido jogo e sair à caça de referências inspiradoras, mas isso não significa que você poderia ter sabido a mesma coisa apenas lendo Keynes uma vez mais.

Terceiro, e mais surpreendente, o ataque Ludditeano⁸ de Krugman à matemática; “economistas como grupo, confundiram beleza, vestida em impressionante matemática, com verdade”. Modelos são “embelezados com equações imaginárias”. Eu sou velho o bastante para lembrar quando Krugman era jovem, resolvendo as interações da teoria dos jogos e dos retornos crescentes resultantes de comércio internacional pelo qual ele ganhou o Prêmio Nobel, e o veterano implicando com os resultados como a dizer que aquelas interações representam “uma ótima distração matemática, mas não têm nenhuma relação com o mundo real”. Ele uma vez escreveu de forma eloquente sobre como apenas a matemática mantém seu raciocínio coerente em teoria econômica. Como o tempo passa rápido.

Novamente, qual é a alternativa? Krugman realmente pensa que nós podemos progredir na sua – e minha – agenda de pesquisa em economia e finanças – entendendo fricções, mercados imperfeitos, comportamento humano complexo, rigidezes institucionais – voltando para um estilo de exposição literário, e abandonando a tentativa de comparar teorias quantitativamente com os dados? Contra a maré mundial de quantificação em todos os campos de esforço humano (leia-se *Moneyball*),⁹ há alguma esperança real de que isso irá funcionar em economia?

Não, o problema é que nós não temos matemática o *bastante*. Matemática em economia serve para manter a lógica de forma contínua, para ter certeza que o “então” realmente decorre do “se”, o que frequentemente

⁸ O Luddites era um movimento social de trabalhadores da indústria têxtil inglesa no início do século XIX que protestava – geralmente quebrando as máquinas – contra as mudanças ocorridas a partir da Revolução Industrial que, no seu entendimento, os deixava sem emprego e mudava por completo seu modo de vida. (N.T.).

⁹ *Moneyball: A arte de ganhar um jogo de forma desleal* é um livro de Michael M. Lewis, publicado em 2003, sobre o time americano de basquete Os Atletas de Oakland e seu diretor geral Billy Beane, e retrata a abordagem moderna e analítica para montar um time de beisebol competitivo, apesar da desvantagem financeira do Oakland. (N.T.).

não ocorre se você escreve apenas prosa. O desafio é o quão difícil é descrever as economias artificiais com esses ingredientes, resolvê-las realmente, com vistas a ver o que as torna confiáveis. Fricções são apenas muito difíceis com as ferramentas matemáticas que temos hoje.

Os insultos

O nível de ataque pessoal nesse artigo e a falsificação dos fatos para alcançá-lo são simplesmente assombrosos.

Como um pequeno exemplo (ok, eu sou um pouco sensível), tome minha observação sobre os carpinteiros de Nevada. Eu não escrevi isso. É uma citação, tomada fora de contexto, de um artigo no bloomberg.com, escrito por um repórter com quem eu gastei 10 horas tentando explicar pacientemente algumas noções básicas, e que se mostrou estar à caça de citações para embaralhá-las. (Esta é a última vez que farei isso!) Eu estava tentando explicar como as mudanças setoriais contribuem para o desemprego. Krugman infere isso a partir de uma mentira – eu nunca afirmei que “causa desemprego em massa em toda a nação o fato de carpinteiros se mudarem de Nevada”. Você nem pode mesmo extrair uma citação dessa monstruosidade.

Qual é a questão? Eu não acredito que Paul não concorda com que mudanças setoriais resultem em algum desemprego, então a citação realmente faz sentido em termos econômicos. O único ponto é me fazer, pessoalmente, parece insensível – um ataque puro, pessoal, calunioso, não tendo nada a ver com teoria econômica.

Bob Lucas tem escrito extensivamente sobre teoria econômica keynesiana e monetarista, sensivelmente e mesmo sozinho. Krugman escolhe citar uma brincadeira, feita em 1980 numa conversa em um almoço com alguns alunos da escola de negócios. Realmente, isso está no nível dos desenhos de Barack Obama com Bill Ayres que Sean Hannity gosta de mostrar no Fox News.

E isso continua. Krugman afirma que eu e outros “acreditamos” “que um aumento dos gastos do governo não pode, sob nenhuma circunstância, aumentar o emprego”, ou que nós “argumentamos que as flutuações

de preço e choques de demanda na verdade não têm nenhuma relação com o ciclo de negócios”. Estas são apenas grandes distorções, não suportadas por qualquer documentação, muito menos textos científicos. E Krugman sabe melhor. Todos os modelos econômicos são simplificações para expor um ponto; nós todos entendemos que o mundo real é mais complicado; e o emprego dele é supostamente explicar isto aos leitores leigos. Não seria diferente se alguém olhasse para os trabalhos anteriores de Paul que assumiam custo de transporte zero e afirmasse no Wall Street Journal que “Paul Krugman acredita que o transporte marítimo é gratuito, que estúpido”.

A ideia que algum de nós faz o que faz porque é pago por salários extravagantes de Wall Street ou confortáveis sabáticos na Hooper é apenas ridículo. (Se Krugman soubesse alguma coisa de fundos de hedge, ele saberia que quando se acredita em mercados eficientes, isso o desqualifica para o emprego. Ninguém quer um cara que pensa que não se pode ganhar dinheiro com o mercado financeiro!). Diante da remuneração alcançada por Krugman em suas palestras, esta é surpreendentemente uma primeira pedra a ser atirada.

Aparentemente, uma prosa impura, cheia de insinuações, calúnia e citações escolhidas a dedo da mídia não são o bastante: Krugman adicionou caricaturas para tentar ridicularizar seus oponentes. O coquetel celebrando a cumplicidade de Lucas-Blanchard-Bernanke para comemorar o fim da recessão é uma ficção tola. Como também é sua melancolia desanimada ao lerem “recessão” no jornal. Ninguém numa conferência se parece com o Dr. Pangloss com cabelos revoltos e um terno dos anos 1800. (Ok, Randy Wright tem os cabelos, mas não o terno). Keynes não reapareceu na NBER para ser vaiado como um “outsider”. Por quê a você seria permitido usar exmplos que não passariam nem mesmo na mais fraca das verificações dos fatos do Times?

Acima de tudo, Krugman não está fazendo o seu trabalho. Supõe-se que ele leia, explique e critique o que os economistas escrevem, e trabalhos realmente profissionais, não trechos publicados em entrevistas, em espaços de opiniões de jornais ou blogs. No mínimo, esse estilo leva a uma conclusão inevitável de que Krugman não está mais lendo textos econômicos.

Como Krugman pôde errar tanto?

Então, em que Krugman é bom? Por quê se tornar uma pessoa sem ambição, um céptico, um apologista das ideias dos últimos 70 anos, repleta de falácias lógicas bem conhecidas, um pária? Por quê publicar um ataque essencialmente pessoal sobre uma lista sempre crescente de inimigos que agora inclui praticamente todos os economistas profissionais? Por quê publicar uma visão incoerente do futuro da teoria econômica?

A única explicação que faz sentido para mim é que Krugman não está tentando ser um economista, ele está tentando ser um escritor de opinião partidário e político. Isto não é um insulto. Eu li George Will,¹⁰ Charles Krauthammer¹¹ e Frank Rich¹² com o mesmo prazer mesmo quando eu discordo deles. Krugman quer ser Rush Limbaugh¹³ de esquerda.

Pena, por Krugman, e também por muitos outros ex-economistas em debates partidários, em que a teoria econômica não é algo para ser entendido. É um conjunto de pontos para defender políticas que um deve adotar para os propósitos políticos partidários. “Estímulo” é apenas marketing para vender congressistas e eleitores num pacote de prioridades de gastos do governo que você quer por razões políticas. Não é uma proposição a ser explicada, entendida, tomada seriamente nos seus limites lógicos, ou que reflita as falhas de mercado que poderiam ser tratadas diretamente.

Por quê defender um futuro absurdo para a teoria econômica? Bem, de novo, se você não estima a teoria econômica como ciência, uma disciplina que deve resultar em cálculos quantitativos que se coadunam aos dados, uma disciplina que requer conexões lógicas cristalinas entre “if” e “então”, se o objetivo da teoria econômica é meramente fornecer marketing e propaganda para políticas macroeconômicas motivadas po-

¹⁰ Jornalista, colunista e autor americano, ganhador do prêmio Pulitzer. (N.T.).

¹¹ Também americano ganhado do prêmio Pulitzer, colunista e comentarista político. (N.T.).

¹² Colunista do New York Times, escreve sobre política Americana e cultura popular. (N.T.).

¹³ Comentarista político americano, defende posições direitistas e republicanas em seu programa de rádio em AM. (N.T.).

liticamente, então estes escritos fazem sentido. Faz sentido apelar para a futura teoria econômica – ainda não produzida, mesmo verbalmente – para desdenhar os trabalhos quantitativos e comparação de dados, e apelar para a autoridade de livros antigos interpretados por você, único apóstolo restante.

Além do mais, esta é a única razão que eu posso imaginar para entender porque Krugman quer escrever ataques pessoais àqueles que discordam dele. Eu *gosto* quando pessoas discordam de mim, e toma tempo para ler meu trabalho e criticá-lo. Na pior das hipóteses, eu aprendo como apresentar melhor meus argumentos. Na melhor, eu descubro que eu estava errado e aprendo alguma coisa. Eu envio uma nota polida de agradecimento.

Krugman quer que as pessoas engulam seus argumentos como um todo, dada sua autoridade, sem exigir lógica ou evidência. Aqueles que discordam dele, coitados, são muito inteligentes e têm bons argumentos se você se preocupar em lê-los. Ou seja, ele tenta desacreditá-los com ataques pessoais.

Esta é a esfera política, não intelectual. Não discuta com eles, corra deles. Encontre alguma citação embaraçosa de entrevistas antigas. Bem, boa sorte, Paul. Apenas não vamos fingir que isso tenha qualquer coisa com teoria econômica, ou verdade absoluta sobre como o mundo funciona ou como poderia se tornar um lugar melhor.